

Reinvenções da vida em escritas na prisão

Heleusa Figueira Câmara

Resumo

105

O projeto cultural e educativo Letras de Vida: Escritas de Si estimula práticas de leitura e escrita de neoescritores populares, colaborando para a organização, a publicação e a divulgação de produções textuais criativas, no campo da poesia, da narrativa, da memória e da autobiografia. Na Casa de Detenção de Vitória da Conquista, Estado da Bahia, esse projeto foi iniciado em 1992 com o nome de Proler/Carcerário, no âmbito da parceria firmada entre a Fundação Biblioteca Nacional e a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). Este artigo comenta a produção literária de adultos neoescritores que tiveram obras publicadas ou aguardam publicação. Conclui pela importância de conceder voz aos excluídos sociais, para que, assim, possam ser revistos preconceitos ligados aos transgressores, apontados como pessoas de um único tempo – o do delito –, e condenados como irrecuperáveis.

Palavras-chave: educação em prisões; Proler/Carcerário; Proler/Uesb; presidiários; autobiografia; Projeto Letras de Vida: Escritas de Si; Vitória da Conquista (BA).

Abstract

Reinventions of life in prison writings

The cultural and educational project "Letters of Life: Writings on Themselves" encourages reading and writing practices of popular new writers, contributing to the organization, publication and dissemination of creative texts, in the fields of poetry, prose, memory and autobiography. At the Detention House of Vitória da Conquista, Bahia, this project was started in 1922 under the name of "Proler Carcerário", resulting from a partnership between the National Library Foundation and the State University of Southwest Bahia (Uesb). This article focuses on the literary production of new writers whose work has been or will be published. It ends by noting the importance of giving voice to the socially excluded people, so that one can review one's prejudices against those who broke the law, who are considered as one-time people – time of their offense against the law – and are often condemned as irrecoverable.

Keywords: education in prisons; Proler/Carcerário; Proler/Uesb; prisoners; autobiography, Letters of Life Project: Writings on Themselves; Vitória da Conquista (BA).

Introdução

106

A prisão começou a ser justificada como forma imediata e "civilizada" de punição a partir do século 19, mas, como bem se sabe, os prisioneiros são em grande parte aqueles cujo delito foi descoberto e cuja pertença social conta uma história de pobreza, de exclusão e de anonimato. Gente "sem nome", pessoas que Foucault (1992, p. 98) reconhece como existências *clarões*, só percebidas quando esbarram com o poder, e cuja "infâmia nada mais é que uma variação da universal fama" registrada num prontuário policial. Em face da construção de estigmas que preconizam ao prisioneiro em cumprimento de pena ou fora da prisão uma vida contínua de infrações, a escrita de si estampa a repetição de práticas de educação pessoal, mas aponta também resistências aos processos de sujeição que a violência do poder estabelece. Vale lembrar que as folhas corridas têm por objetivo apenas informar a existência ou a inexistência de registro de antecedentes criminais, apresentando a situação do cidadão no exato momento da pesquisa em instituições de controle social.

Escreve-se muito nos presídios, pois o prisioneiro sente necessidade de manter contato com o mundo além das grades. Escreve-se para parentes, amigos, namorados, juízes, promotores, políticos e pessoas de renome por variadas razões, dentre as quais o desejo de interferência no andamento do processo.

Em setembro de 1989, assumi a presidência do Conselho da Comunidade¹ da comarca de Vitória da Conquista, o que me levou a conhecer a prisão. Buscando

¹ O Conselho da Comunidade é um órgão de Execução Penal, instituído pela Lei de Execuções Penais nº 7.210, de 11 de julho de 1984, e é constituído de voluntários a quem compete visitar os espaços carcerários, entrevistar os presos e diligenciar em prol da obtenção de recursos materiais e humanos para melhor assistência ao detento.

minimizar a angústia dos prisioneiros à espera da sentença ou do processo em grau de recurso, comecei a emprestar alguns livros, a datilografar alguns poemas que os presos escreviam. Surgiu, então, um projeto para incentivar a leitura e a produção textual escrita e criativa com o objetivo de apresentar autorias diferenciadas do delito, registrar o que o preso considera importante e que não cabe no laudo policial, tornando possível o reconhecimento do outro em si mesmo – atravessar limites.

Os escritos comentados neste artigo procedem do projeto cultural e educativo Letras de Vida: Escritas de Si, que estimula neoescritores populares a praticarem a leitura e a escrita, colaborando para a organização, a publicação e a divulgação das produções textuais criativas no campo da poesia, da narrativa, da memória e da autobiografia. Esse projeto foi iniciado na Casa de Detenção de Vitória da Conquista, Bahia, em 1992, com o nome de Proler/Carcerário e conta com o apoio da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). É um programa de extensão² de caráter contínuo, e os recortes escolhidos para este texto estão devidamente autorizados para divulgação pelos autores e familiares.

Recortes do Projeto Letras de Vida: Escritas de Si

Em fins de 1992, os internos Hélio Alves Teixeira³ e Rosieles Ramos Sales⁴ começaram a escrever na Casa de Detenção em condições muito adversas. Teixeira me pediu que tirasse uma cópia da folha de caderno onde escrevera um texto para ser entregue ao juiz da Vara de Execuções. Após datilografar o seu poema-protesto – *A grande corrupção* – e devolver uma cópia ao autor, não imaginava que um programa de incentivo à escrita estava sendo iniciado e que os seus desdobramentos o tornariam um neoescritor. O poema abordava os desvios de verbas públicas, divulgados pela mídia, estampando a ausência de medidas punitivas em relação a delitos e autores:

Ó juiz e promotor, desculpe o meu dizer
O político sendo corrupto faz toda nação sofrer
Com a inflação tão alta, roubamos para viver.
Eu vejo na detenção, de cada detento o sofrer.
Uns choram de tristeza, outros desejam morrer,
Pois todos os ladrões corruptos,
Na cadeia ninguém vê. (Teixeira, 1993).

Sales também solicitou que datilografasse os seus poemas. A fase inicial de sua escrita era laudatória à vida, à natureza, aos bons costumes, como grande parte

² O Proler/Uesb propicia espaços para novas práticas de leitura, legítimas experiências, estimula a capacidade imaginativa de pensar, ativando a criatividade, e revelando outras autorias. As discussões sobre as múltiplas possibilidades de escrita e leitura contribuem para posições reflexivas sobre o ato de ler, sobre a política de leitura e as condições sociais das práticas leitoras, em percursos não escolares. (Comitê Proler/Uesb..., 2009).

³ Hélio Alves Teixeira nasceu no dia 29 de setembro de 1950, em Macarani, Bahia. Lavrador, pedreiro, motorista, corretor de imóveis, escritor, poeta, cordelista, compositor, contador de histórias, palestrante.

⁴ Rosieles Ramos Sales nasceu em Santa Inês, Bahia, em 2 de setembro de 1971 e faleceu em setembro de 1994, ao ser capturado após uma fuga ocorrida no Presídio Regional de Vitória da Conquista. Pedreiro, agente de portaria. Escreveu o livro *Aldeia Gongo: minha tribo*, a ser publicado.

dos escritos de prisioneiros, ávidos por um espaço onde possam registrar que também reconhecem os valores éticos e morais da sociedade. Devolver o texto datilografado representou um ato respeitoso, uma reverência às idéias registradas, e tanto Teixeira quanto Sales sentiram a força da palavra impressa.

Surpresa, ela trouxe os papéis, que eu tinha pedido para tirar xérox. Tirar xérox que nada, eu só queria que alguém lesse, só. Mas aconteceu melhor, além dos simples papéis, meus textos foram feitos com carinho, meus poemas estão em ordem numérica e têm até uma capa, com meu nome feio, em cima, que escrito daquele jeito, ficou lindo. No meio, escrito com todas as letras *Textos e poemas*. Que legal, não? Estou besta, até agora. Fiquei rindo para as paredes, só não chorei de vergonha, pois não consegui esconder tanta alegria. Fiquei feito criança que ganha um chocolate, sem saber por que ganhou. [...]

Eu, apenas, soltei a mão seguindo minha mente, e o resultado é!!...

Ora! Eis aí, você terminou de ler, quer mais alguma coisa? Para mim, chega, é tarde e vou dormir.

Boa noite, Sales...

Boa noite.

14-01-94 / 22:48h / Ass. Rosielele Ramos Sales*** / P. J. "Pesão". (Sales, 1994 [obra inédita] – ele é, simultaneamente, remetente e destinatário do *e-mail*).

Em 1994, os encontros de orientação redacional com prisioneiros neoescritores sinalizavam a continuidade do projeto, o que estimulou outros presos a mostrarem os seus escritos. As conversas sobre esses escritos eram muito francas. Os prisioneiros pareciam pedir desculpas pelos delitos cometidos, procuravam evidenciar conhecimento das regras morais estabelecidas e, além disso, apresentavam originalidade e emoções. A apreciação, entretanto, não impedia que os escritos fossem corrigidos e digitados.

O aprisionamento de um sujeito cuja representação de periculosidade à sociedade é atestada pela medida punitiva aplicada, reveste-se de procedimentos que, na maior parte das vezes, apagam a história do tempo de vida do transgressor, por não fazer parte do seu processo e ser vista, quase sempre, como irrelevante. Em sua escrita posterior à sentença, Sales revela mais vigor e criatividade. Critica a sociedade, a mídia e a linguagem utilizada nos noticiários policiais, preocupado com a imagem cristalizada do prisioneiro como ser irrecuperável. As vozes dos prisioneiros apresentam visões pessoais sobre as instituições que os excluem e pretendem regenerá-los, tendo em vista os procedimentos adotados com pessoas que cometem infrações, mas têm dinheiro para usufruir os benefícios que a lei concede a quem pode pagar profissionais competentes para defendê-las.

[...] Todos nós presos, somos seres humanos, gostamos quando pessoas, que não são nossos irmãos presos, nos tratam com respeito, dignidade. É, nós nos sentimos bem, sentimos que ainda somos gente, que pessoas, lá fora, sabem que nós existimos e sofremos. [...] Espero que um dia o mundo possa ler o que escrevi e possa entender que pessoas, homens como eu e muitos outros, podem encontrar um caminho, descobrir algo bonito dentro do peito sempre revoltado com tudo, com a própria vida, homens assim podem ser reabilitados. (Sales, 1994 [obra inédita]).

O reconhecimento de que escrever é trabalhar, a valorização da escrita, da leitura e do comentário, a correção ortográfica, a estética do texto, a prática da escuta, a conversa sobre os temas abordados constituem momentos de aprendizagem múltipla.

Quando José Raimundo dos Santos⁵ começou a participar do Proler/Carcerário em 1995, ele estava muito empenhado na publicação dos seus escritos, convicto de que esse trabalho lhe asseguraria a liberdade. Desenvolvia atividades laborativas e era muito prestativo, trabalhando como eletricitista e encanador no Presídio Regional Nilton Gonçalves:

Aqui no presídio, trabalho como auxiliar de manutenção na parte elétrica e hidráulica. Assim, os dias vão passando enquanto eu espero a tão sonhada liberdade. Vou dividindo as tarefas entre os trabalhos e os livros, e é dentro da literatura que, hoje, eu afogo lembranças dos longos dias que eu passei no volante das carretas nas estradas do Brasil. Eu não tinha a menor idéia de como poderia ser escrito um livro. [...] Sem saber por onde começar, fiquei dias e dias a falar comigo mesmo o que eu devia fazer, pois tudo o que eu queria era escrever um livro falando sobre a minha vida, sem deixar nada para trás. Mas para que tudo isso saísse correto, era preciso que eu falasse de tudo do que eu já vi, conheci e aprendi sobre as coisas boas e ruins. [...] Os meus dois livros foram escritos aqui dentro do presídio, dentro da cela em que eu fico, a de número 21 da galeria B 02. *Vida de caminhoneiro* fala tudo sobre esta bonita profissão que faz parte da minha vida e já me deu tantas glórias, cruzando muitas fronteiras, mas não matou a minha ilusão. [...] Eu voltei a recorrer aos estudos e os livros se tornaram os meus melhores companheiros, pois descobri dentro de mim algo que nem mesmo eu conhecia, a minha força de expressão. (Santos, 2006, p. 160).

O seu entusiasmo com a escrita era contagiante. Quando começamos a conversar sobre a história de sua vida e o seu trabalho como caminhoneiro, podia-se perceber, pela linguagem gestual e pelas palavras escolhidas, que ele começara a viver em intensidade no momento em que tivera nas mãos o volante, que parecia lhe abrir as portas para o mundo, apesar de o veículo não lhe pertencer e o percurso ser traçado pelo patrão. Bastava-lhe a sinuosa estrada, o vento e o horizonte. Nos encontros de orientação redacional, eu costumava ler o texto que ele produzira e, na maior parte das vezes, o José Raimundo dos Santos chorava emocionado, não só pelas lembranças dos trabalhos feitos, mas também pela força e vigor das palavras, pelo poder e magia que o registro escrito confere. Dizia: "*Está formidável, não é, professora?*". A preocupação com os dados, as indicações dos caminhos percorridos, os detalhes que o seu olhar desenhava no papel eram prova incontestável da sua narrativa. Eu também ficava comovida e impressionada com suas lembranças, entranhadas na carne e arrancadas para o texto por uma memória extraordinária. Entusiasmada, manifestava a minha admiração, e ele, orgulhosamente, me perguntava: "*Está gostando da minha inteligência, professora?*". Ante a minha afirmação, grossas lágrimas desciam pelo seu rosto. José Raimundo dos Santos era realmente um homem inteligente, sensível, observador, habilidoso, polido e dotado de uma incrível capacidade de memorização.

Avandro Desidério de Souza⁶ tinha esperança de que o seu texto poético viesse a ser lido pelas autoridades, antes do seu julgamento. Poesia, canção, hinos, lamentos, queixumes, narrativas prisionais, arte... Poderia o seu livro *A sela da humilhação: versos em louvor a Deus* (2006) quebrantar os corações dos juízes terrenos em tempo de julgamento, em dias de proferir sentenças? A história do

⁵ José Raimundo dos Santos nasceu em Una, Bahia em 5 de junho de 1948 e faleceu em fevereiro de 2010. Trabalhador rural, motorista, tratorista, eletricitista e escritor, contador de história, palestrante.

⁶ Avandro Desidério de Souza nasceu em Iguai em 1965, poeta evangélico, cozinheiro industrial.

passado, a verdade procurada, a reflexão sobre o ato criminoso cobriam o papel, ostentando a confissão firmada como declaração, exposição e testemunho do arrependimento pela transgressão impetrada, pelo sangue derramado. A quem seriam destinados os 800 poemas de expiação engendrados por Avandro na zona de vizinhança instaurada entre o autor e seus meios literários? Em seus poemas, a alternativa cristã é o seu amparo, sua rota de fuga, e clama a Jesus Cristo 1.176 vezes, na vertente do perdão, estabelecendo uma linha ao que se convencionou chamar de doutrina da lei e doutrina da graça. Em seus poemas religiosos, Avandro fala do cotidiano na prisão, reinterpreta a História Sagrada, aponta a representação de Satanás, a quem cita 33 vezes como instrumento de sua perdição. Nomeia a si próprio como pecador 175 vezes e antepõe ao estigma da criminalidade a espera infinita da misericórdia de Deus, a quem invoca 216 vezes. A escrita-desabafo dos presos escritores-religiosos encontra alento na confissão secreta ou pública que se pode fazer a Deus. Os poemas de cunho religioso se superpõem e, diante das condições adversas, dizem: "Deus é testemunha do que estou falando". Deus é o único nome a quem podem recorrer diante da sentença do juiz, dos preconceitos cristalizados que registram a incredulidade das pessoas sobre os esforços do transgressor vergado sob o estigma da reincidência, de ser irrecuperável. *Versos em louvor a Deus* é a ressurreição da própria vida em palavras, que se repetem ao infinito num murmúrio sobre a tentação, a queda, o castigo, a exclusão.

Talvez você possa dizer: como uma pessoa dentro de uma prisão diz que é feliz? Eu quero dizer que a felicidade do Cristo é ter certeza da vida eterna e ter Cristo como único salvador. Existem muitas pessoas que não estão atrás das grades, talvez você não esteja atrás das grades, mas está preso pelas drogas, pelo álcool, pela prostituição, pelo rancor, pela violência, pela vingança. Esta é a pior prisão de um ser humano e você precisa ter Jesus Cristo como seu único e sublime Salvador. Eu sou livre, as grades impedem a minha liberdade material e física, mas, espiritualmente, as grades não impedem a minha alma de dizer: Eu sou livre em Cristo Jesus! Em II Coríntios 5; 17: *Portanto se alguém está em Cristo nova criatura é, as coisas velhas já passaram e tudo se fez novo.* Hoje eu sou uma nova criatura, creio na minha salvação e tenho certeza que Deus já me perdoou pela minha desobediência. (Souza, 2006, p. 20).

Ouvir as vozes interiores, registrá-las e partilhar com o outro é poder saber que é possível ser visto em duas ou mais faces, e que o outro também é visto por nós e pelos demais em diversas faces. Dar-se conta de si mesmo, como um indivíduo ativo e criador, é reconhecer que só há um sentido para a vida: o próprio ato de viver, ainda que sob o episódio do encarceramento.

Hélio Alves Teixeira começou a participar do Proler/Carcerário em 1994 e, em outubro de 1995, recebeu menção honrosa no 2º Concurso Histórias de Trabalho promovido pela Coordenação do Livro e Literatura da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, com as crônicas: "As prendas de mamãe", "Mão Branca e Peludo" e "Terras alheias". Em 1996, o seu livro *Ventaneira: uma história sem fim* foi impresso com o apoio da Uesb, da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do Estado da Bahia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Costumes, memória, sonhos e angústia misturam-se na escrita de Teixeira. A maneira como se recoloca aquilo que foi lido, escrito ou vivido mostra

as relações da leitura com a escrita, e Foucault (1992) aconselha que se trabalhem as coisas ditas, de tal forma que nelas se possa ler uma genealogia inteira. Em seu livro, Teixeira (1996, p. 154) comenta o impacto da escrita de sua vida:

Assim que eu comecei a levar meu trabalho a sério, a fama começou a correr dentro do presídio. Quase todos os funcionários e presos me chamavam de escritor. Escritor de merda, pensava comigo. Nem sei escrever direito. Tinha complexo de minha caligrafia. Também, colocava a letra Z no lugar de S, colocava S no lugar de SS. Era assim que eu escrevia. Fui escrevendo, escrevendo, até que um dia concluí meu livro. Cada página de *Ventaneira* é um pedaço de mim, é um pedaço de papai, é um pedaço de mamãe, é um pedaço de meus irmãos, é um pedaço de meus amigos.

Ao sair da arena/prisão em 1997, Teixeira encontra outras prisões que lhe acompanham além dos muros e das grades. Nessa caminhada pela vida afora, com a liberdade vigiada, quase sempre confessa o arrependimento, revelando a culpa, a fim de que algumas portas se abram para o seu “pão nosso” de cada dia. Precisa clamar a Deus, que, mesmo em sua distância, se torna a única testemunha que lhe parece incontestável e que pode conhecer seu coração.

Naquela época, fora do presídio, sem emprego e sem teto para me esconder, comecei uma grande luta para sobreviver. Então, fora do presídio, após eu ter descansado três dias, eu fui à luta. Num dia de segunda-feira pela manhã, eu saí pela rua com um malote de livros para vender. Lembro que eu saí pela rua, batendo nas portas das residências, lojas, etc. Ali eu oferecia o livro e dava o meu testemunho. Creio que muitas pessoas quando ouviam a minha história, se emocionavam e compravam; outras compravam por curiosidade. (Teixeira, 1998 – carta⁷).

A história que guardara pode ser contada entre motivos para explicar os próprios atos, que parecia ver mais claros e fundos, e volta-se para Deus, que não responde, mas sugere a dúvida – não a que espreita, mas a que aponta perspectivas positivas. Novos planos, o livro revelador, a crítica proferida, o duplo olhar de lá e de cá. Ouvir as vozes interiores, registrá-las e partilhar com o outro é poder saber que a história dele escrita nos autos o condenara e que a história dele escrita por ele na prisão tinha valor e lhe abria portas.

Apesar de tudo, eu seria injusto se não agradecesse a todos. Mesmo havendo alguma falha por parte da sociedade, reconheço que muitos têm contribuído comigo, fazendo lançamento de livros, divulgando, etc. Eu quero agradecer a Universidade Federal de São Mateus, ES, pelo apoio que me prestou em 15 de abril de 1998, fazendo o lançamento do meu livro. [...] Aí, no dia seguinte, fui na TV expor tudo aquilo que eu tinha no coração. Falei do Proler Carcerário, como é de grande importância, pois melhor prepara os desviantes para uma reflexão de vida melhor. Assim o lançamento do livro foi feito e divulgado; só não ficou mais bonito como era preciso porque a igreja falhou na hora de levar a orquestra para fazer a abertura. (Teixeira, 1998 – carta).

Em 1998, Hélio Alves Teixeira teve o seu livro *Ventaneira: uma história sem fim* reeditado pela Coordenação Universitária Norte do Espírito Santo (Ceunes), da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e a 3^a edição saiu em 1999, com o apoio da Universidade de Taubaté (Unitau). Em 1999, tornou-se membro do Conselho

⁷ Ver outros trechos da carta no Anexo 1.

da Comunidade da Comarca de Taubaté, no Estado de São Paulo. Em 2001, aconteceu o relançamento de *História das matas verdes: a festa misteriosa*, obra infanto-juvenil publicada em 1998. Em 2010, concluiu o romance *Fugindo do inferno* (no prelo).

Com o apoio da administração do presídio e da Vara de Execuções Penais, os neoescritores puderam participar de seminários de leitura como cursistas, contadores de história e palestrantes.

José Raimundo dos Santos, em 27 de outubro 1998, participou de uma mesa redonda na Uesb.

Eu nunca pensei que eu poderia viver um dia tão especial como aquele que vivi dentro da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). Foi a primeira vez que eu cruzei os portões de uma universidade. Era como se eu, naquele dia, estivesse vivendo um sonho, mas era a pura realidade. Aos 50 anos de idade, eu considero que foi o maior troféu que a vida já me deu, porque foi muito mais do que gratificante para mim que, na condição de presidiário nesta cidade, enfrentando uma grande tempestade, consegui desfrutar a bonança. Fui convidado para fazer uma palestra "Cruzando fronteiras" para o Seminário Credenciais da Cidadania, promovido pela Comissão Especial de Assuntos da Família, Infância e Juventude (Cefij), com o apoio do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia, do Conselho Nacional de Direitos Humanos e do Ministério da Justiça. (Santos, 2006, p. 152).

Após a sentença proferida, Santos foi removido para o Centro Penitenciário de Jequié, obtendo a liberdade condicional a partir de 15 de maio de 2000. Tendo reincidido em atividades delituosas, foi preso e encaminhado para o Centro Penitenciário de Jequié, onde cumpriu a pena em regime fechado, sendo libertado em 2005. Santos recorta detalhes, como cartões postais de seus feitos, e retornou à prisão por duas vezes após a sua condicional. Em 2006, o seu livro *Km 47: parada da solidão – vida de caminhoneiro* foi impresso e constituiu um passaporte para reinventar sua vida em outras experimentações. Passou a residir em Condeúba, Estado da Bahia, onde encontrou a companheira Maria Rosa, que lhe deu guarida. Aos 60 anos, tornou-se um cordelista atuante no jornal da cidade. Com a orientação do Projeto Letras de Vida, recolheu histórias populares, dando visibilidade a outros memorialistas singelos, que dificilmente seriam vistos, e, graças ao escrevente, o registro dessas histórias trouxe novas alegrias a outras pessoas. Professores da rede municipal da educação em Condeúba o convidavam para visitar as escolas. Em fevereiro de 2010, morreu devido a um acidente de carro, mas vive hoje na escrita de seus livros. Após dez anos passados na prisão e cinco vividos como ex-presidiário, na folha corrida da sua vida pode ser registrado também: José Raimundo dos Santos, escritor, cordelista, contador de histórias, palestrante e trabalhador rural.

Da escrita à impressão do livro há uma construção compartilhada que pode ser pensada como fonte e metodologia para a discussão das representações sociais e reinvenções da vida. O detento discute e apresenta a sua autoria, como narrador de uma história própria, e poder escrever a história pessoal estampa a descoberta de potencialidades, proporciona a autoestima e faz germinar o que fica no esquecimento: a luz de cada ser humano sobre a face da terra. A escrita de si provoca outras reflexões, pois o novo fazer – o do escritor – confere uma nobre visibilidade, propicia a escolha do tempo a ser exteriorizado, e o passado anterior ao delito cometido é retomado na história pessoal como evidência de compreensão dos padrões

culturais adotados pela sociedade. A escrita, a leitura e a releitura vão ensinando escritor e leitor. As experiências de neoescritores em presídios precisam ser discutidas, pois mobilizados pelos desejos de reinventar suas vidas, atravessam injunções a que se encontram submetidos por tantas classificações histórico-posicionais. Escrever a própria história, deixar-se ver, sugere oportunidades de novas classificações; porém, arrancar de dentro o que estava entravado é respirar melhor, é ousar ser. São estratégias de equilíbrio no sentido de produção de uma memória e de uma escrita de si para leitura de outros.

Em 25 de setembro de 2008, reencontrei Avandro Desidério de Souza em Curitiba, quando participava do curso de formação continuada “Significado da escola da prisão para professores e alunos: necessidades e expectativas em Curitiba”, promovido pela Secretaria da Educação do Estado do Paraná. Conversando com os professores sobre o Núcleo Letras de Vida, pude divulgar o seu livro e falar sobre a sua história de trabalho. Ele reestruturou a sua vida, voltou a trabalhar como cozinheiro, a frequentar a igreja, e a revista *Graça* publicou uma entrevista comentando o seu novo fazer de escritor e missionário da fé (Santos, 2006). Após 11 anos passados na prisão e quatro anos como ex-presidiário, a sua folha corrida deve registrar: Avandro Desidério de Souza, cozinheiro industrial, compositor, escritor, palestrante.

Em 2011, os neoescritores Jonathan Oliveira Santos⁸ e Adilson Francisco Pereira⁹ aguardam a publicação de um livro escrito a quatro mãos. Adilson não sabe ler nem escrever, mas contou com clareza a sua história e os seus desejos. Jonathan não completou o ensino fundamental, mas gosta de ler, escrever, sabe escutar e compartilhou a sua habilidade de letrado, transpondo para o papel a oralidade poética de Adilson. Escreveu para si e para o amigo que, hoje, está em liberdade condicional. Jonathan cumpre pena no Centro Penal de Jequié. Quando recebi os escritos de Adilson, constatei a diferença na construção textual da narrativa e dos poemas. Nos encontros de orientação redacional, foi esclarecida a participação conjunta. A visibilidade decorrente dos escritos de Jonathan modifica a sua vida na prisão. A Secretaria de Justiça do Estado da Bahia implantou uma biblioteca no Presídio Regional Nilton Gonçalves e ele foi convidado para ser o agente de leitura. Quanta coisa pode vir pela frente!

Conclusão

A experiência de trabalho com o incentivo à leitura e à escrita para uma população de adultos em presídios me fez constatar, ao longo do tempo, que os textos autobiográficos e as histórias de vida – escritas de si – interessavam muito aos neoleitores pelas analogias que são estabelecidas com as histórias pessoais.

⁸ Jonathan Oliveira Santos nasceu em 1987 no município de Vitória da Conquista, Bahia. Auxiliar de encanador, jogador de futebol como atacante e goleiro no Centro Penal de Jequié, possui o ensino fundamental incompleto. Coautor do livro *Vale de lágrimas: uma escrita compartilhada*, a ser publicado pela Uesb.

⁹ Adilson Francisco Pereira, natural de Vitória da Conquista, encontra-se em liberdade condicional. Trabalhador rural. Coautor do livro *Vale de lágrimas: uma escrita compartilhada*, a ser publicado pela Uesb.

Escrever e contar a própria história sugere mais uma classificação, mais uma qualificação, e reconforta pensar que agir e expressar o que é de nós mesmos é o que deve importar, pois, constantemente, estamos trocando os nossos esforços por dinheiro, prestígio, poder e outros misteriosos, tormentosos e passageiros prazeres.

A escola ainda não conseguiu ser um espaço prazeroso por causa das classificações, das reprovações, pelo uso que é feito das competências. Classificações semelhantes vigoram nas prisões e na nossa cabeça, pois sentimos admiração pelos que consideramos vencedores. Uma política educacional não deve considerar a escola como uma premiação e sim como um direito. A grande metodologia deve ser a do diálogo, e, para que haja diálogo, é preciso despojar-se das crenças e dos preconceitos. As atividades educacionais devem ser livres, devem atender aos interesses do educando. É preciso disponibilizar material de leitura sem censura, sem restrições, nem exigência de bom comportamento. Santos gostava da revista *Placar*; Sales, da *Fluir*; Teixeira queria um dicionário. O corpo administrativo deve ver tais iniciativas com boa vontade, e não como se fossem concessões aos prisioneiros de bom comportamento. Uma proposta educacional diferenciada é aquela que se propõe a ouvir, buscar responder, ponderar. Temos nós todos, dentro da prisão ou fora dela, que aprender por toda a vida.

Deleuze (1998, p. 11) ressalta as novas maneiras de ler e, talvez, de escrever, ao se conseguir tratar um livro como se escuta um disco, como se vê um filme ou um programa de televisão, como se recebe uma canção, pois vêm de outra época as exigências de tratamento e atenção especiais ao livro, o que comumente o condena a repetir os modelos convencionais das escolas literárias. O devir é jamais se ajustar a um modelo, nem fazer como, e sim poder encontrar-se em evoluções não paralelas.

Não há tempo estabelecido para o trabalho com os neoescritores: ele é contínuo, acompanha o passar dos dias ouvindo e buscando ações de educação mútua, tolerância e fraternidade. Este trabalho possibilita replicações pela singeleza e simplicidade de sua proposta e o Projeto tem sido encaminhado a quem o solicita. Os espaços educacionais precisam conhecer essas produções que, sem a forma estabelecida pela norma culta, estampam problemas sociais e apresentam realidades que a sociedade procura desconhecer. As conclusões a que temos chegado centram-se na importância de que seja concedida voz aos excluídos sociais, a fim de que comecemos a discutir e revisar preconceitos e afirmações categóricas ligadas aos transgressores, que os apontam como pessoas de um único tempo – o do delito – e os condenam ao estado de marginalização como irrecuperáveis.

Integrar o prisioneiro ao convívio social implica despojar-se de preconceitos sociais e culturais, conhecer os diversos caminhos geradores das desigualdades, compreender as diferentes visões de mundo, saber as emoções e os sentimentos humanos imbricados em sonhos, medos, amores e fúrias. É preciso conhecer o discurso não autorizado, que “não cabe nos laudos do processo”, e para isso necessário se faz ouvir, ver, pensar, buscar, aprender, reaprender a ser e a viver. Hoje me pergunto, onde estarão os que passaram pela prisão e não escreveram nem foram vistos? Qual o apoio que terão recebido? E é por isso, e por tudo que sabemos tão pouco, que temos de perguntar: por que prisões?

Referências bibliográficas

- CÂMARA, Heleusa Figueira. *Além dos muros e das grades: discursos prisionais*. São Paulo: EDUC, 2001.
- COMITÊ PROLER/UESB DE VITÓRIA DA CONQUISTA (BA). *Histórico*. 2009. Disponível em: <<http://www.uesb.br/proler/index.php?pagina=historico>>.
- DECISIO, Saberes para la Acción en Educación de Adultos [tema: Educación de adultos en reclusión], Crefal, Pátzcuaro, Mexico, n. 14, mayo-ago. 2006.
- DECISIO, Saberes para la Acción en Educación de Adultos, [numero especial: Relatos de personas adultas en alfabetización], Crefal, Pátzcuaro, Mexico, n. 19, ene./abr. 2008.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.
- FOUCAULT, Michael. *O que é um autor*. Lisboa: Vega, 1992.
- SANTOS, José Raimundo dos. *Km 47: parada da solidão – vida de caminhoneiro*. Org. por Heleusa F. Câmara. Vitória da Conquista, BA: Uesb, 2006. (Série Letras de Vida, Proler/Carcerário)
- SANTOS, Marcelo. Literatura: santa inspiração. *Revista Graça*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 82, p. 52-55, 2006.
- SOUZA, Avandro Desidério de. *A sela da humilhação: versos em louvor a Deus*. Org. por Heleusa F. Câmara. Vitória da Conquista, BA: Uesb, 2006. (Série Letras de Vida, Proler/Carcerário).
- TEIXEIRA, Hélio Alves. *A grande corrupção* [poema]. 1993.
- _____. *Ventaneira: uma história sem fim*. Org. por Heleusa F. Câmara. Vitória da Conquista, BA: Uesb, Uerj, 1997. (Série Letras de Vida, Proler/Carcerário).
- _____. *Carta* [para a professora Heleusa F. Câmara sobre o primeiro ano fora da prisão e o encontro com as universidades]. Arquivo do Comitê Proler/UESB de Vitória da Conquista. Biblioteca Heleusa Câmara. Museu Regional de Vitória da Conquista, Bahia. Taubaté, SP, 30 dez. 1998.
- _____. La costurera. *Decisio, Saberes para la Acción en Educación de Adultos*, Crefal, Pátzcuaro, Mexico, n. 19, p. 59, ene./abr. 2008.

Heleusa Figueira Câmara, doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, é professora titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), *campus* de Vitória da Conquista, Bahia, e coordenadora do projeto de extensão contínuo Proler na Uesb.

heleusacamara@gmail.com

ANEXO 1 – Primeiros anos fora da prisão e o encontro com as universidades

Trechos da carta de Hélio Alves Teixeira para Heleusa F. Câmara

Faubate 30 de dezembro de 1998.

Caríssima professora Heleusa,

Este relatório foi escrito, exclusivamente para mostrar os apoios que tenho recebido da nossa ilustre sociedade.

Quero lembrar que cada dia que recebo um benefício, agradeço a Deus, a professora Heleusa, a universidade e a secretaria de justiça, pelo o império que fizeram para me ajudar a resgatar minha entidade que já se encontrava perdida.

Lembro-me que num dia de sexta-feira, do mês de maio de 1997, às 5 horas da tarde, a profe Heleusa chegou no presidio acompanhada de um oficial de justiça, contendo meu avião de soltura em mãos. Assim que as portas se abriram, ela me colocou em seu veículo e em seguida dirigimos para o fórum daquela localidade. pois eu fui para receber instruções do excelentíssimo juiz.

A instruções que se refere é dada a todos que saem do carcere, para que os mesmos não venham a quebrar sua condicional. Dali do fórum eu fui levado para a casa dos meus primos, Ramon e sua esposa Eleusete, para morar com eles até que a justiça

resolvesse meu problema.

Pai eu tinha saído do carcere provisoriamente até que meu processo retornasse do tribunal de justiça de Salvador.

↳ Gitei fora do presidio, após eu ter descansado três dias, fui a luta.

Num dia de segunda feira pela manhã, eu saí para a rua com um malote de livros para vender-os.

Lembro-me que saí na rua batendo nas portas das residencias, lojas e etc.

Ali eu oferecia o livro e dava meu testemunho. Creio que muitas pessoas quando ouvia a minha história se emocionavam e comprava-o, outras compravam por curiosidade. Lembro-me que com mais ou menos 15 dias eu

eu embalei soco, peais dos
com livros que me restaram.
Naquela época a universidade
fez mil livros na sua primeira
edição. Então destes livros foram
doados centenas para a universidade,
juntamente com a secretaria de
Justiça, para que os mesmos
fossem distribuídos para as
escolas e presídios.

Com um mês que eu me encontrava
morando na casa dos meus parentes,
eu resolvi ir morar sozinho. Pais
queria começar uma vida nova
com meu próprio esforço. Após
tomar esta decisão, aluguei uma
pequena casa no Bairro Patagônia,
e comprei uma cama com colchão,
fogão, sofá, vasilha e seriais.
Assim que ficou tudo pronto,
despedi dos meus primos, e
fui embora.
No começo quando eu fui embora,
pensei que as coisas iam ser

facil, mas não foi mas não
foi, quando eu fui morar sozinho,
Passei muitas lutas, cheguei até
a limpar casa, cuidar em comida
e lavar roupa.

Assim os dias foram se passando,
meu dinheiro foi acabando e a
preocupação foi cada dia aumentando
em mim. Temia não poder pagar o
aluguel, e até mesmo passar
privações, devido eu não ter
mais livros para vender, ou um
emprego garantido.

Naqueles dias eu comecei a me
sentir rejeitado pela a sociedade
e principalmente pela justiça.
porque o apoio que eu mais
queria no momento era um emprego,
porque sem trabalho a pessoa
vai está sempre vivendo de
favor. Sinto dentro da minha alma,
o desejo de ter o apoio da justiça,
para trabalhar, não só dependo
do apoio da justiça, mais de toda
sociedade.

Digo isto porque eu vejo em cada
um dos ex-presidarios o desejo
de querer mudar de vida. A
maioria só não muda por falta
de apoio.

Entre os milhares de desviante, eu
fui um exemplo para todos mas
mesmo assim ninguém se levantou
o perfil para me ajudar como
eu esperava.

Criço que 95% dos presidiarios, sai
do presídio e torna voltar para lá,
porque não encontra o apoio para
viver uma vida digna. Isto não
deveria acontecer em nosso país,
porque assim fica dificio
para a justiça controlar o crime.

Aí eu fui vivendo com o pouco de dinheiro que ganhei dos livros, quando os mesmos foram acabando, sem ter outra alternativa eu fui obrigado a ir morar novamente na casa dos parentes.

Enquanto isto, eu não perdia tempo, toda semana eu ia no fórum saber se o meu processo tinha chegado do tribunal de Salvador.

Eu estava ansioso para o mesmo chegar, porque sem o processo a justiça não podia me libertar definitivamente.

De vez em quando, o processo demorou quatro meses, então eu achei que a justiça estava totalmente desinteressada pelo meu caso.

Sem mais comentários eu peguei minha mala e fui embora para a casa dos meus pais, a qual fica em São Mateus ES.

Não posso deixar de contar como foi difícil para mim conquistar a imprensa e jornal para fazer a

divulgações do lançamento do livro.

Na época, a universidade me apoiou, fazendo o lançamento do meu livro, mas com uma condição de não se intrometer com a imprensa. Então eu fui no jornal, Tribuna do Ceará, em São Mateus. Lá pedi ao senhor Antonio, proprietário do jornal, para me conceder uma cortesia fazendo a divulgação do lançamento do meu livro que estava para acontecer na universidade daquela cidade.

Compri passagem com destino à Vitória ~~no~~ do dia seguinte e pedir meu cunhado Arnaldo para ligar para o jogo aberto da TV Gazeta, e pedir uma cortesia para a divulgação do

lançamento do meu livro, que estava para acontecer.

No começo o diretor, o Reporter Edin negou o meu pedido, aí eu fiquei atônito e encoquiado, liguei para a Profa. Helena, em vit da conquista.

Mais tarde, uma hora depois, o telefone tocou, aí meu cunhado atendeu, e encoquiado me chamou dizendo é para você. Quando eu atendi fui surpreendido pela voz da secretária do Reporter Edin, ela me perguntou, você é o rapaz que pediu uma entrevista no jogo aberto?

A voz da moça me deixou muito alegre, aí no dia seguinte fui na TV expor tudo aquilo que eu tinha no coração. Falei do projeto Carcerário, 'comp' é de grande importância, pois melhor prepara os desviantes, para uma reflexão de vida melhor. Assim o lançamento foi feito e divulgado, só não ficou mais bonito como era preciso, porque a igreja falhou na hora de ~~fazer~~ ~~levar~~ a orquestra para fazer a abertura.

Com estes eventos feitos, elero meu coração para a universidade da Bahia, como prova de gratidão, rogo a Deus pelo pai, professora Helusa, e os demais que me ajudaram a conhecer o valor que tem a escrita.

Então passando alguns dias, eu me decidi ir embora para a cidade de Taubaté, SP, onde eu tenho recebido um grande apoio da sociedade. Assim que cheguei na cidade de Taubaté, procurei a secretaria de educação na esperança de encontrar um apoio para fazer um lançamento do meu livro.

Então no dia 17 de julho foi feito o lançamento, juntamente com outros eventos.

Após o lançamento, a vice-prefeita Mécia ficou comovida com minha história, aí convidou a TV Globo para um entrevistador e divulgar o meu bem sucedido trabalho. Mas tarde eu conheci o professor Aldo de Aguiar também escritor. Na época ele era dirigente da delegacia de ensino de Taubaté. Era assim que conhecemos ficamos amigos. Então um dia ele me levou a uma reunião dos diretores de escola, ali eu fui apresentado para eles como um exemplo para muitos. Graças a ele propôs a todos, a me ajudar a vender os livros nas escolas.

Então entre eles fizeram a concordância para eu vender os livros para os professores na hora do recreio.

Só não era possível eu vender os para os estudantes, para não tomar tempo nas salas de aulas, e pelo outro lado meu livro não poderia ser vendido para os estudantes sem ser feita uma avaliação.

Com a oportunidade que
tive, desejei ler livros bastante
para vender. porque os poucos que
eu tinha, eu vendi todos.

Apesar dos impelidos, barreiras
e etc. Deus tem me ajudado
muito, me livrando cada dia
dos laços do diabo. Tenho
encontrado muitas pessoas ruins
no meu caminho, mas as boas
sempre esteve do meu lado,
estendendo suas mãos para
mim, nas minhas necessidades.
Deus é tão maravilhoso, que
me deu uma belíssima
mulher, para ser minha esposa,
Seu nome é Maria do Carmo
Silva Teixeira. Ela é um amor
de mulher, antes de casar^{me} com
ela, já sinto minha alma feliz.
descobrir que neste mundo

Nada substituem o amor.
para mim o amor é a coisa
mais linda do mundo!

Nada mais do seu amigo
Hélio Alves Teixeira

Hélio Alves Teixeira

ANEXO 2 – Repercussão do livro *Ventaneira*

Taubaté, 13 de julho de 1999

Caríssima Profª Heleusa

Meu nome é Fernanda, tenho 16 anos e estou no 3º ano do curso de Magistério. A senhora deve estar curiosa para saber qual o motivo de minha carta. Pois o motivo é apenas um: a emoção! Sim, me emocionei muito ao concluir a leitura de "*Ventaneira: Uma História Sem Fim*", de Hélio Alves Teixeira.

Li até a última página desta 3ª edição e descobri seu endereço. Era quase madrugada mas eu senti-me ansiosa para contar a alguém o quanto esta história significou para mim. E não tive dúvidas, peguei caneta e papel e aqui estou para lhe dizer: obrigada! Obrigada por acreditar no ser humano e em tudo o que alguém que tanto sofreu tem para oferecer. Eu ainda nem me formei professora, nem pensei com convicção qual faculdade vou fazer. Só sei que a tenho como exemplo.

Meu pai trabalha na Universidade de Taubaté, participou na conclusão dos exemplares quando as capas chegaram da Bahia. Ele recebeu um desses exemplares e, é claro, aí lembrou da minha paixão por leitura. Logo que dele ganhei o livro, me interessei e à noite comecei a ler. Me envolvi muito desde os primeiros capítulos e considero todo esse relato como uma lição de vida. Já tive a oportunidade de ler clássicos da nossa literatura e nem estes puderam retratar tão bem uma época, um modo de vida, como este livro.

Sei que a senhora deve receber sugestões e críticas de professores graduados, pessoas importantes, e que esta minha carta pode lhe passar despercebida mas, ainda assim, precisava lhe escrever e registrar minha emoção. Obrigada por ler. Obrigada por me dar este exemplo de solidariedade. Se algum dia eu tive dúvidas sobre a natureza de ser professor, hoje não as tenho mais e sigo firme, certa, é possível mudar o país. Farei minha parte. Obrigada!

Desejo-lhe muita felicidade!

Fernanda

ANEXO 3 – Hélio palestrante

Taubaté, 21 de outubro de 2003

Prezada amiga, professora Heleusa,

É com o coração transbordando de alegria que pego na caneta para lhe escrever. Alegria por ter uma amiga tão ilustre como a senhora. Mais uma vez quero lhe agradecer pela rica oportunidade que me deu, de poder falar, ouvir, aprender e ensinar.

Mesmo sem o conhecimento técnico, eu já levei nome de professor por muitas vezes. Muitas vezes eu disse: não sou professor, mas, dependendo do momento, eu deixo me passar por professor, mesmo, porque eu sinto orgulho pelo respeito adquirido.

Mais uma vez, quero lhe agradecer, também, pela honra que me deu de poder ir participar daquele bellissimo encontro do Proler. Pois o Proler, além de ser uma ponte, é também uma porta aberta, cuja porta, só passa por ela, o idealismo.

Professora, lá na biblioteca de Itapetinga, foi o maior barato. Lá eu contei história, declamei a minha poesia, e fiz, mais uma vez, o depoimento de minha vida. Fiz, também, calo nos dedos de tanto autografar meu livro. Lá na biblioteca, eu fui recebido como Jorge Amado, Monteiro Lobato, ou qualquer outro nome de fama, como a senhora, por exemplo.

Estes dias que passei nas oficinas do Proler, foram muito gratificantes para mim, pois as mesmas me ajudaram a ampliar mais meus conhecimentos literários, contar histórias, e etc.

Tudo que tem acontecido na minha vida, eu devo a Deus e a senhora. Devo também ao reitor Waldenor, e os demais que me ajudaram a descobrir o segredo da leitura e da escrita.

Professora, eu gostaria de escrever para a senhora uma carta com todas as perguntas, na certeza de que a senhora teria as respostas.

Se a senhora fosse morrer com 100 anos de idade, eu queria morrer com 99 anos e 364 dias, porque sem a senhora eu não saberia viver.

Que Deus a abençoe. Um abraço,

Hélio Alves Teixeira.